

**DA UNIVERSIDADE PARA A ALDEIA: VIVÊNCIAS DA ENFERMAGEM NO
CUIDADO À SAÚDE DA CRIANÇA INDÍGENA****FROM THE UNIVERSITY TO THE VILLAGE: EXPERIENCES OF NURSING IN
THE HEALTH CARE OF THE INDIGENOUS CHILD****DE LA UNIVERSIDAD AL PUEBLO: EXPERIENCIAS DE ENFERMERÍA EN LA
SALUD DEL NIÑO INDÍGENA**

Eliziane Dos Santos¹, Crhis Netto de Brum², Jeane Barros de Souza Lima³, Tassiana Potrich⁴,
Samuel Spiegelberg Zuge⁵, Ana Maria Belino Correa Leite⁶, Susane Dal Chiavon⁷

Como citar este artigo: Santos E, Brum CN, Lima JBS, Potrich T, Zuge SS, Leite AMBC, Chiavon S. Da universidade para a aldeia: vivências da enfermagem no cuidado à saúde da criança indígena. Rev Enferm Atenção Saúde [Internet]. 2023 [acesso em: ____]; 12(2):e202392. DOI: <https://doi.org/10.18554/reas.v12i2.4908>

RESUMO

Objetivo: Relatar as vivências das ações desenvolvidas no contexto da saúde da criança indígena. **Método:** Trata-se de um relato de experiência que envolveu ações de assistência de enfermagem à saúde da criança indígena, desenvolvidas durante um estágio acadêmico voluntário. **Relato:** Foram realizados 30 dias de atividades e ao longo desse tempo, pode-se evidenciar que a assistência de enfermagem busca adequar as ações para a saúde da criança indígena, visando a prevenção e promoção da saúde tendo como estratégia um acompanhamento mensal do processo de crescimento e desenvolvimento. **Considerações Finais:** A partir da experiência vivenciada desvelou-se a relevância do trabalho do profissional enfermeiro em prol da saúde das crianças indígenas. Apesar da graduação de enfermagem abranger várias áreas do conhecimento, ainda existem lacunas na formação dos enfermeiros nesse contexto.

Descritores: Criança; População Indígena; Atenção Primária à Saúde; Enfermagem.

¹ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS. Chapecó (SC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-2079-1498>

² Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS. Chapecó (SC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-2970-1906>

³ Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS. Chapecó (SC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0512-9765>

⁴ Enfermeira, Doutora em Enfermagem, Docente do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS. Chapecó (SC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-5180-5736>

⁵ Enfermeiro, Doutor em Enfermagem, Docente do Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó/Unochapecó. Chapecó (SC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0420-9122>

⁶ Enfermeira, Assistencial da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Ipuçu (SC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-8950-2343>

⁷ Acadêmica do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS. Chapecó (SC), Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-5656-7397>

ABSTRACT

Objective: To report the experiences of the actions developed in the context of indigenous children's health. **Method:** This is an experience report that involved nursing care actions for the health of indigenous children, developed during a voluntary academic internship. **Report:** 30 days of activities were carried out and over that time, it can be evidenced that the nursing care seeks to adapt the actions for the health of the indigenous child, aiming at the prevention and promotion of health having as strategy a monthly monitoring of the process of growth and development. **Final Considerations:** Based on the experience, the relevance of the work of the professional nurse in favor of the health of indigenous children was revealed. Despite the nursing graduation covering several areas of knowledge, there are still gaps in the training of nurses in this context.

Descriptors: Child; Indigenous Population; Primary Health Care; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: Informar las experiencias de las acciones desarrolladas en el contexto de la salud de los niños indígenas. **Método:** Se trata de un relato de experiencia que involucró acciones de atención de enfermería para la salud de los niños indígenas, desarrollado durante una pasantía académica voluntaria. **Informe:** Se realizaron 30 días de actividades y durante ese tiempo, se puede evidenciar que el cuidado de enfermería busca adecuar las acciones para la salud del niño indígena, con el objetivo de la prevención y promoción de la salud teniendo como estrategia un seguimiento mensual del proceso de Crecimiento y desarrollo. **Consideraciones finales:** A partir de la experiencia, se reveló la relevancia del trabajo de la enfermera profesional a favor de la salud de los niños indígenas. A pesar de que la graduación en enfermería abarca varias áreas del conocimiento, aún existen vacíos en la formación de enfermeras en este contexto.

Descriptor: Niño; Población Indígena; Atención Primaria de Salud; Enfermería.

INTRODUÇÃO

Os povos indígenas possuem distintas concepções referente a saúde, mesmo entre as aldeias, pois a autopercepção do adoecer e as práticas assistenciais de saúde são particulares de cada grupo. Cada povo tem uma maneira própria de pensar e agir sobre os diversos aspectos que influenciam suas vidas, como a alimentação, a compreensão sobre os métodos terapêuticos e a assistência à saúde.¹

Para o cuidado à saúde indígena, a necessidade de respeitar as particularidades de cada grupo torna-se ainda mais proeminente.² É importante que os costumes

e as tradições sejam considerados no estabelecimento de estratégias de prevenção e promoção da saúde com vistas a adequar a assistência às singularidades das aldeias. Especialmente, aquelas que apresentam dificuldade geográfica de acesso, fronteiras linguísticas e percepções sociais e políticas diferenciadas.³

Para isso, o Ministério da Saúde (MS), em 2002, aprovou a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI). Nela foi contemplada a diversidade social, cultural, geográfica, histórica e política, de modo a favorecer a superação dos fatores que tornam essa

população mais vulnerável aos agravos à saúde, reconhecendo a eficácia de sua medicina e o direito desses povos à sua cultura.²

A diversidade cultural da saúde indígena é ampla, tornando-se um desafio à implementação da PNASPI devido às especificidades étnicas de cada região, o que afeta o perfil epidemiológico das crianças indígenas. Esse perfil, por vezes, é marcado por elevadas taxas de mortalidade e morbidade decorrentes de doenças infectocontagiosas, distúrbios nutricionais e déficit de crescimento e desenvolvimento.²

Nesse cenário, a assistência de enfermagem às crianças indígenas é fundamental para a prevenção, promoção e recuperação de saúde. Pois, a enfermagem apresenta um vínculo maior com a comunidade, tornando-se possível evidenciar, diariamente, as necessidades das crianças, juntamente com seus cuidadores.⁴

Assim, como graduanda da nona fase do curso de Enfermagem suscitou a oportunidade de realizar estágio em uma aldeia indígena. Diante dos aprendizados adquiridos e das experiências exitosas, emergiu este artigo com o objetivo de relatar as vivências das ações desenvolvidas no contexto da saúde da criança indígena.

MÉTODOS

Trata-se de um relato de experiência que envolveu ações de assistência de enfermagem à saúde da criança indígena, desenvolvidas durante um estágio voluntário, realizado no mês de janeiro de 2020. A proposta da vivência surgiu a partir de uma discussão sobre saúde da criança indígena no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Evidência no Cuidado à Saúde em Pediatria e Hebiatria (GEPE-CPDH), da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó (UFFS/SC).

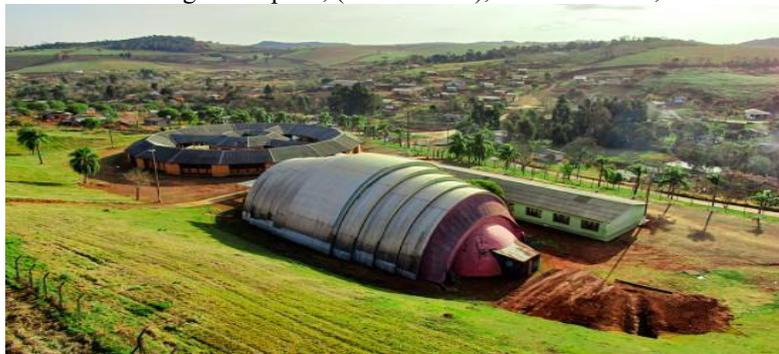
A trajetória da experiência iniciou a partir de uma conversa informal com a Secretaria Municipal de Saúde, em que foi firmado o acordo para a realização do estágio voluntário na Terra Indígena Xaçecó, pertencente a um Município do Estado de Santa Catarina. É considerada a maior reserva do Sul do Brasil. Possui 16 aldeias da etnia de Kaingang e grupos familiares da etnia Guarani, Guarani Xetá e Xocling. Na Terra Indígena Xaçecó, existem quatro Unidades Básicas de Saúde (UBS). Contudo, o estágio voluntário foi autorizado na UBS da Aldeia (Sede), em uma das quatro, sob a supervisão de uma enfermeira.

A população indígena da aldeia (Sede) fala fluentemente português, porém algumas famílias se comunicam entre si em Kaingang. Dispõe de duas escolas, sendo que todos os professores possuem descendência indígena,

residem na reserva e têm formação em Magistério Indígena ou Licenciatura Intercultural Indígena em Língua Kaingang.

Para manutenção da cultura, pratica-se a língua Kaingang, na escola, a partir da oferta da disciplina de Língua Materna-Kaingang.

Figura 1: Terra Indígena Xapecó, (Aldeia Sede), Santa Catarina, Brasil.



Fonte: <https://turismo.ipuacu.sc.gov.br>

O estágio acadêmico foi realizado em conjunto com as duas equipes de profissionais da saúde que atuam na UBS da aldeia (Sede), e assistem aproximadamente 450 famílias. Os profissionais da enfermagem possuem vínculo com a população da aldeia, visto que, a maioria, reside na comunidade e são descendentes da etnia Kaingang. As ações de enfermagem contemplam sete aldeias.

A enfermagem atua, com o apoio dos demais profissionais da equipe, em prol da saúde das crianças indígenas em diversos aspectos: busca ativa das crianças com atraso vacinal, consultas de puericultura, pesagem e atividades educativas na escola da aldeia, com o apoio da equipe escolar.

Relato da Experiência e Discussão

Foram realizados 30 dias de atividades, computando uma carga horária de 160 horas aula. Ao longo desse tempo, pode-se evidenciar que a assistência de enfermagem busca adequar as ações para a saúde da criança indígena, visando a prevenção e promoção da saúde tendo como estratégia um acompanhamento mensal do processo de crescimento e desenvolvimento.

Durante a semana, nas terças-feiras e quintas-feiras, no período da manhã, são realizadas as consultas de puericultura na UBS. A cada trinta dias, é realizado a pesagem das crianças, que leva em torno de dois a três dias, contando com o apoio do profissional nutricionista. As visitas domiciliares são destinadas às crianças que não comparecem na unidade.

No decorrer do estágio, observou-se que as famílias evitam levar seus filhos ao serviço de saúde quando adoecem. Optam pelo uso de chás e ervas medicinais, seguindo suas tradições e cultura repassadas pelos seus antecedentes. Em alguns casos, apresentam resistência em aceitar o tratamento medicamentoso, como por exemplo, quando a criança é acometida por alguma patologia. Para tratá-la, fazem uso de chás e rituais, ou a levam para cuidados de uma curandeira da aldeia.

Nesse caso, ao acompanhar a enfermeira da unidade, a qual possui vínculo com as famílias, observou-se a realização de orientações acerca da necessidade de ser ofertada a dose de um determinado medicamento. Nessa situação, reitera-se que esta terapia pode estar associada ao uso dos chás e dos cuidados da curandeira, a fim de respeitar e valorizar seus costumes, buscando cuidar sem imposições.

Outra vivência significativa foi o acompanhamento das consultas de puericultura na aldeia, o que possibilitou a articulação dos conteúdos teóricos desenvolvidos durante as aulas do curso de graduação em Enfermagem. Assim, ao realizar o exame físico nos recém-nascidos (RN), observou-se que, a maioria, dos cotos umbilicais apresentavam resquício de ervas medicinais. Diante disso, ressalta-se que em determinada população ou comunidade é

tradição utilizar as plantas medicinais para cura ou tratamento de doenças, sendo necessário o conhecimento sobre suas características e sua forma de colheita e preparação.⁵

Neste contexto, foi orientado a maneira correta de higienizar o coto umbilical, preconizado pelas evidências científicas. No entanto, buscou-se respeitar os aspectos culturais que influenciam o processo de cuidado desta população, em uma interação dialógica. Considerar a cultura, suas particularidades e tradições, por meio de mecanismos do serviço de saúde, garante o reconhecimento, a valorização, a igualdade e o respeito das práticas curativas no processo de cuidar dos povos indígenas.⁶

Outra prática de cuidado relacionado ao RN foi referente ao aleitamento materno. Na oportunidade do diálogo entre as profissionais e os familiares inferiu-se que a crença que perpassa é que o leite materno carece de nutrientes necessários para a criança crescer e se desenvolver, necessitando de complementos como chás e água durante o período de amamentação. Nesse caso, a enfermeira e a acadêmica incentivaram a prática do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida, complementado por alimentos saudáveis até, pelo menos, os dois anos de idade,

instigando a reflexão sobre os benefícios dessa prática.

O leite materno oferece todos os nutrientes necessários para o crescimento e desenvolvimento saudável das crianças, reduzindo os casos de infecções respiratórias, diabetes, obesidade, hipertensão, diarreia e colesterol alto. Além disso, reduz a mortalidade em até 13% por causas evitáveis em crianças menores de cinco anos. Portanto, é relevante a amamentação das crianças até dois anos e exclusivo até os seis meses de vida.⁷

Para garantir os direitos à diversidade cultural e respeitar saberes tradicionais indígenas nas práticas de cuidado, os profissionais da saúde articularam a criação de hortas medicinais na UBS. Essa organização reforça a importância da medicina tradicional indígena nas práticas terapêuticas, uma vez que possuem percepções peculiares quanto à saúde, à doença e ao adoecimento. Além disso, os aproxima dos profissionais de saúde fortalecendo os vínculos e compartilhando suas vivências no contexto do cuidado em saúde. Essa relação se faz necessária a fim de possibilitar estratégias de (re)conhecimento de ambos os cenários, tanto da prática científica contemporânea quanto da milenar.⁵

No entanto, cabe ressaltar que na formação acadêmica ainda predomina a

visão biomédica, necessitando ampliar o olhar para o cuidado que abarque as práticas integrativas e/ou alternativas, a partir da utilização das plantas medicinais e da fitoterapia, uma vez que já é reconhecido seus benefícios como, a exemplo, na diminuição de custo para a saúde, na promoção da saúde e na prevenção de doenças.⁶ O fato é que a assistência prestada aos indígenas, em destaque à saúde da criança, exige respeito e compreensão quanto ao seu estilo de vida. Certamente, é oportuno o entrelaçamento dos cuidados de enfermagem e os métodos empregados pela população, como a utilização de raízes, plantas nativas e a procura por curandeiros.⁸

A equipe de enfermagem tem uma rotina de vacinação, no início de cada mês, em um período de quatro dias, pois a UBS não possui sala específica para esse fim. Assim, um dos grandes desafios é reduzir o atraso vacinal, visto que muitos familiares não levam as crianças até a unidade, considerando que a maioria dos indígenas não possui transporte próprio, sendo necessário um agendamento para o seu deslocamento. Destaca-se que a imunização está entre as estratégias de prevenção da morbimortalidade na infância, sendo que seu custo-benefício supera as ações terapêuticas e de reabilitação da saúde.⁹

Além do atendimento direto às crianças, as enfermeiras da UBS também são responsáveis pelas atividades educativas realizadas, mensalmente, no espaço escolar. Na oportunidade do estágio foram desenvolvidos os seguintes temas: alimentação saudável, higiene corporal e prevenção de acidentes na infância, elencados pela própria escola. Mesmo estando em um período destinado às férias letivas, ainda assim as crianças mantêm suas atividades escolares.

As atividades educativas são consideradas um recurso fundamental para promover a saúde, na perspectiva de que as crianças possam agir como multiplicadoras das informações partilhadas junto à sua família/comunidade. Desse modo, a escola pode ser considerada um espaço promotor de saúde para assistência de enfermagem na comunidade indígena, visando o desenvolvimento integral da criança, compreendendo seus aspectos físico, psicológico, intelectual, social e espiritual.¹⁰

Na escola, educadores e educandos buscam compartilhar a língua nativa no processo ensino-aprendizagem, a fim de respeitar e incentivar os saberes e fazeres dos indígenas, preservando sua cultura geracional. Neste aspecto, a partir do vivido evidenciou-se a importância de a equipe de enfermagem residir na comunidade e serem descendentes indígenas, assim como a

acadêmica que desenvolveu o estágio. Tais aspectos tendem a facilitar a realização de uma assistência à saúde condizente à realidade e necessidade deste público, que tanto carece de informações e empoderamento para lutar em prol da saúde individual e coletiva do seu povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da experiência vivenciada desvelou-se a relevância do trabalho do profissional enfermeiro em prol da saúde das crianças indígenas. Ao visualizar a atuação das enfermeiras na aldeia indígena, ficou evidente o quanto é amplo os espaços de atuação da enfermagem, sendo que em cada local faz-se necessário conhecer e respeitar a cultura de quem irá receber os cuidados.

Apesar da graduação de enfermagem abranger várias áreas do conhecimento, ainda existem lacunas na formação dos enfermeiros para atuarem na saúde indígena. Urge a necessidade de ampliar as discussões sobre a interculturalidade no processo de formação acadêmica, além de oportunizar vivências nessa realidade para compreender as particularidades no processo saúde-doença do povo indígena.

Dessa maneira, torna-se premente uma interação entre as práticas de cuidado de enfermagem junto às tradições e costumes da cultura indígena. Portanto, se faz necessário que o profissional enfermeiro

considere o conhecimento popular milenar desse público em seu cotidiano, especialmente, no cuidado à saúde das crianças e quando possível resida na comunidade e até mesmo seja descendente de indígena.

REFERÊNCIAS

1. Sandes LFF, Freitas DA, Souza MFNS, Leite KBS. Primary health care for South-American indigenous peoples: an integrative review of the literature. *Rev Panam Salud Publica*. [Internet]. 2018 [citado em 24 maio 2020]; 42: e163. doi.org/10.26633/RPSP.2018.163
2. Ministério da Saúde (Brasil). *Cadernos Temáticos Saúde da Família Indígena: Ações de Prevenção a Agravos e Doenças e de Recuperação da Saúde dos Povos Indígenas*. 1. ed. Brasília. [Internet]. 2016 [citado em 05 jul 2020]; 3: 1-114. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_familia_indigena_volume_1.pdf
3. Santos MM, Cruz YJC, Ribeiro LCS, Batista CC, Aguiar EMG, Nogueira AMT. Assistência prestada pelo Sistema Único de Saúde de Teresina à população indígena do Maranhão, 2011: um estudo descritivo. *Epidemiol. Serv. Saúde*. [Internet]. 2016 [citado em 08 jun 2020]; 25(1): 127-36. doi.org/10.5123/s1679-49742016000100013
4. Fernandes MNF, Simpson CA. Saúde indígena: experiência de enfermagem com a etnia Munduruku. *Biblioteca Lascasas*. [Internet]. 2016 [citado em 25 maio 2020]; 2(12): 1-9. Disponível em: <http://www.index-f.com/lascasas/documentos/lc0900.php>
5. Santos VP, Trindade LMP. A Enfermagem no uso das plantas medicinais e da fitoterapia com ênfase na saúde pública. *Rev Cient FacMais*. [Internet]. 2017 [citado em 25 maio 2020]; 8(1): 1-19. Disponível em: <https://revistacientifica.facmais.com.br/wp-content/uploads/2017/04/A-ENFERMAGEM-NO-USO-DAS-PLANTAS-MEDICINAIS-E-DA-FITOTERAPIA-COM-%C3%8ANFASE-NA-SA%C3%9ADE-P%C3%9ABLICA-1.pdf>
6. Nascimento VF, Hattori TY, Terças-Trettel ACP. Desafios na formação de enfermeiros indígenas em Mato Grosso, Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*. [Internet]. 2020 [citado em 08 jun 2020]; 25(1): 47-56. doi.org/10.1590/1413-81232020251.28952019.
7. Ministério da Saúde (Brasil). *Cadernos de Atenção Básica: Saúde da Criança, Aleitamento Materno e Alimentação Complementar*. 2. ed. Brasília. [Internet]. 2015 [citado em 08 jun 2020]. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf
8. Viana JA, Cipriano DM, Oliveira MC, Carneiro AMCT, Ribeiro RS, Feitosa, MO et al. A atuação do enfermeiro na saúde indígena: uma análise integrativa da literatura. *Braz. J. Hea. Rev.* [Internet]. 2020 [citado em 08 jun 2020]; 3(2): 2113-27. doi.org/10.34119/bjhrv3n2-065
9. Fernandes ACN, Gomes KRO, Araújo TME, Moreira ARSR. Análise da situação vacinal de crianças pré-escolares em Teresina (PI). *Rev. bras. epidemiol.* [Internet]. 2015 [citado em 09 maio 2020]; 18(4): 870-882. doi.org/10.1590/1980-5497201500040015
10. Fagundes NC, Rangell AGC, Carneiro TM, Castro LMC, Gomes BS. Continuing professional development in health for working nurses. *Rev enferm UERJ*. [Internet]. 2016 [citado em 25 maio 2020]; 24(1): 1-6. doi.org/10.12957/reuerj.2016.11349

RECEBIDO: 01/09/20

APROVADO: 14/04/23

PUBLICADO: 07/2023